

SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

ARTEFATOS PRETOS X ARQUITETURAS BRANCAS: MAPEAMENTOS DE MUSEUS AFRO-DIASPÓRICOS EM ARQUITETURAS COLONIAIS EM SALVADOR

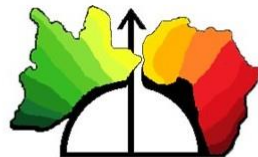
Sueide Gonçalves Rosa¹

Resumo: O artigo aborda os museus afro-diaspóricos e suas espacialidades, com foco na cidade de Salvador, que reúne o maior índice de população negra fora do continente africano. Apesar dessa centralidade na formação da diáspora, o patrimônio arquitetônico do seu centro histórico é majoritariamente colonial, reflexo do período em que a cidade foi capital da colônia portuguesa. Nesse contexto, muitos museus dedicados à memória e à cultura afro-brasileira estão sediados em edifícios coloniais, o que evidencia tensões entre arquiteturas brancas, marcadas pela escravidão, e artefatos pretos, que afirmam resistências e produções culturais negras. O trabalho questiona até que ponto essas arquiteturas, símbolos de dominação, podem abrigar de forma crítica e justa as memórias negras. Tem como objetivo discutir a problemática da implantação de museus da memória negra em edifícios coloniais, levantando contradições, apropriações e possibilidades de resignificação desses espaços. A metodologia adotada consiste no mapeamento e fichamento de museus de Salvador que possuem acervos afro-diaspóricos em edificações coloniais. O estudo busca evidenciar o paradoxo espacial e sugerir caminhos de representação e autonomia arquitetônica para a construção desses lugares de memória.

Palavras-Chave: Museus afro-diaspóricos; Arquitetura colonial; Memória Negra; Salvador.

Abstract: This article discusses Afro-diasporic museums and their spatialities, focusing on the city of Salvador, which has the largest Black population outside of the African continent. Despite this central role in the formation of the diaspora, the architectural heritage of its historic center is largely colonial, reflecting the period when the city was the capital of the Portuguese colony. In this context, many museums dedicated to Afro-Brazilian memory and culture are housed in colonial buildings, highlighting tensions between white architecture, marked by slavery, and Black artifacts, which affirm Black resistance and cultural productions. The work questions the extent to which these structures, symbols of domination, can critically and fairly house Black memories. It aims to discuss the problematic implementation of Black memory museums in colonial buildings, highlighting contradictions, appropriations, and possibilities for redefining these spaces. The methodology adopted consists of mapping and documenting museums in Salvador that hold Afro-diasporic collections in colonial buildings. The study seeks to highlight the spatial paradox and

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, Especialista em Restauração de Arquitetura e Especialista em Patologia das Construções.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

suggest paths of representation and architectural autonomy for the construction of these places of memory.

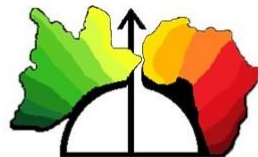
Keywords: Afro-diasporic museums; Colonial architecture; Black memory; Salvador.

Introdução

A cidade de Salvador, marcada por sua profunda ancestralidade africana, reflexo do período escravocrata, é um território de expressiva densidade simbólica para a memória negra no Brasil. Com uma população majoritariamente afrodescendente — a maior fora do continente africano — e uma vasta produção cultural de matriz africana, a cidade abriga importantes equipamentos museológicos voltados à valorização das identidades negras e das experiências da diáspora africana.

No entanto, observa-se que muitos desses museus estão instalados em edificações coloniais, reflexo do processo de colonização e desenvolvimento urbano da cidade aos moldes da arquitetura e do urbanismo português, em especial no Centro Histórico — conjunto arquitetônico e urbanístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1984 e ratificado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1985. Esse espaço, que hoje se projeta como “cartão postal turístico”, foi originalmente construído sob a lógica da exploração, da violência e da subjugação de populações escravizadas, reproduzindo estéticas e materialidades coloniais que ainda carregam as marcas da opressão.

Essa justaposição entre artefatos pretos e arquiteturas brancas, entre narrativas de resistência e espaços edificadas para o controle e o apagamento das populações negras, revela uma tensão simbólica que merece ser problematizada. Como espaços de mediação cultural e disputa de sentidos, os



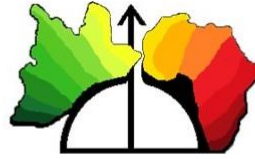
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

museus afro-diaspóricos enfrentam o desafio de construir outras narrativas dentro de estruturas físicas que ainda expressam a colonialidade. Até que ponto esses edifícios reforçam ou tensionam os discursos propostos por tais instituições? Qual o impacto da arquitetura na percepção e na representação da memória negra?

A museologia afro-diaspórica oferece ferramentas analíticas e práticas para compreender e enfrentar essas tensões. Autores como Roberto CONDURU (2003), enfatiza a importância da valorização das identidades afro-brasileiras e do reconhecimento dos museus como espaços de afirmação cultural, alternando narrativas historicamente eurocêtricas. Outro autor no campo da museologia é James Clifford. Segundo CLIFFORD (1997), utiliza-se o termo “zonas de contato”, no qual sugere que museus funcionem como espaços de intercâmbio cultural, nos quais acervos e arquiteturas coloniais se confrontam criticamente, criando diálogos entre memória, espaço e poder. Sergio MOSQUERA² destaca que a centralidade das memórias afrodescendentes e a necessidade de práticas museológicas que promovam a decolonialidade e a participação comunitária. Contribuições de demais autores (a) como Kanitra Fletcher, Vanessa K. Valdés e Niama Safia Sandy, reforçam a importância da participação ativa das comunidades negras, da valorização das epistemologias afro-diaspóricas e da construção de narrativas que tensionem estruturas coloniais de poder.

Mais do que espaços destinados a guarda de acervo, os museus afro-diaspóricos também se constituem como arenas políticas fundamentais no enfrentamento do racismo estrutural e institucional. Ao afirmarem epistemologias

² Escritor e fundador da Fundación Muntú Bantú em Quibdó, Colômbia, centro e museu da diáspora africana.

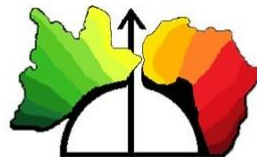


SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

negras, produzem deslocamentos de narrativas históricas, combatem a invisibilidade imposta às populações afrodescendentes e tencionam políticas culturais que, muitas vezes, permanecem ancoradas em visões eurocêntricas e elitistas. Nesse sentido, sua existência em Salvador não se limita à preservação da memória, mas se inscreve como prática de resistência, de denúncia, de construção de novas formas de pertencimento social e urbano e de reparação histórica, ainda que simbólica, na medida em que transformam esses espaços de dor em territórios de memória, educação e afirmação política.

Esses museus, quando se relacionam com as comunidades locais aos quais estão fisicamente inseridas, atuam também como espaços educativos e comunitários, ampliando a função museológica tradicional. Não se limitam somente às exposições: organizam oficinas, rodas de saberes, atividades culturais e pedagógicas que fortalecem vínculos coletivos e produzem novos horizontes para a educação patrimonial e museológica. Nessa dimensão, tornam-se agentes ativos na formação cidadã e na reconfiguração de imaginários sociais.

Contudo, há uma contradição evidente entre o uso turístico da imagem da “cidade negra” e as condições de funcionamento desses museus. Enquanto Salvador é largamente explorada como destino turístico pela força de sua identidade afrodescendente, muitas instituições de memória negra operam em contextos de subfinanciamento e precariedade, revelando a seletividade das políticas públicas e a permanência do racismo institucional. O contraste entre a exploração econômica da negritude e o desamparo dos equipamentos que a preservam evidenciam as faces do racismo em suas diversas instâncias na promoção desta desigualdade.

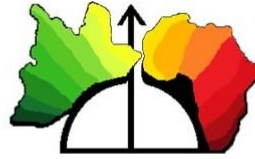


SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Ainda que o foco deste artigo seja a cidade de Salvador, a problemática aqui analisada não é exclusivamente local. A convivência entre memórias negras e arquiteturas coloniais é um dilema que atravessa outros contextos da diáspora africana, como museus no Caribe, nos Estados Unidos e no continente africano, onde também se tenciona a relação entre heranças coloniais e práticas museológicas afrocentradas. Esse fator, evidencia cada vez mais como foi o período de colonização dessas terras promovidas por civilizações eurocêntricas. Esse diálogo internacional amplia a relevância do tema, permitindo compreender Salvador como parte de uma rede global de experiências que questionam e subvertem narrativas coloniais por meio da musealização crítica da memória negra.

Neste artigo, propõe-se discutir essa problemática a partir de um mapeamento dos museus de matriz afro-diaspórica localizados em Salvador, instalados em arquiteturas coloniais majoritariamente provindas a partir do século XVII. A metodologia utilizada nesta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, documental, visitas de campo e análise crítica das instituições. Ao final, apresenta-se uma ficha de catalogação que reúne informações sobre localização, origem arquitetônica, gestão institucional e proposta museológica de cada museu analisado. Com isso, busca-se contribuir para o debate sobre a decolonização dos espaços culturais e a urgência de se pensar arquiteturas que não apenas abriguem artefatos, mas que também expressem as epistemologias negras.

A reflexão sobre os museus afro-diaspóricos instalados em arquiteturas coloniais exige uma abordagem teórica interdisciplinar, que considere as relações entre espaço, memória, poder e cultura. Para tanto, este artigo articula contribuições



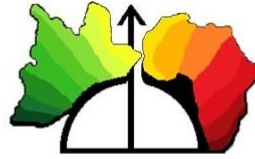
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

dos campos da decolonialidade, da museologia crítica e da teoria da arquitetura, com ênfase nas epistemologias do Sul.

A noção de colonialidade do poder, formulada por Aníbal QUIJANO (2005), é ponto de partida para compreender como as estruturas sociais, políticas e culturais continuam marcadas por lógicas coloniais, mesmo após o fim formal do colonialismo. No campo da cultura e da memória, essa permanência se expressa na forma como os espaços urbanos e os patrimônios arquitetônicos reproduzem hierarquias raciais e simbólicas. Walter MIGNOLO (2017) amplia esse debate ao propor a ideia de epistemologias decoloniais, defendendo que os saberes não europeus — em especial os afro-diaspóricos — precisam ser reconhecidos como sistemas de conhecimento legítimos e autônomos.

No campo museológico, autores como Mario CHAGAS (2003) e Célia MARINHO (2010) defendem uma museologia social e afrocentrada, que compreende os museus como territórios de resistência e reexistência. A museologia decolonial propõe que essas instituições sejam mais do que espaços de exposição: que se tornem ferramentas de afirmação identitária, crítica histórica e reparação simbólica. Nesse contexto, os museus da memória negra devem ser pensados não apenas em função de seu acervo, mas também a partir de sua inserção territorial, de sua capacidade de tencionar o racismo institucional e da coerência entre forma arquitetônica e conteúdo político.

A relação entre arquitetura, espaço e memória também se mostra central para esta análise. Conforme destaca Françoise CHOAY (2001), o patrimônio arquitetônico não é apenas uma herança estética, mas um discurso materializado sobre a história. Edifícios coloniais, portanto, não são neutros: carregam em suas formas e funções originais as marcas do projeto colonial. A



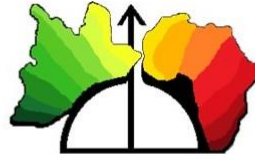
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

arquiteta e pesquisadora Raquel ROLNIK (2019) também chama atenção para a importância de compreender a cidade como território de disputa e produção simbólica, onde o espaço edificado atua como vetor de narrativas hegemônicas ou contra-hegemônicas.

Ao reunir esses aportes, o artigo propõe problematizar a convivência entre memórias negras através dos seus artefatos e arquiteturas coloniais expressa nas edificações, buscando compreender os limites e as possibilidades de subversão simbólica desses espaços a partir de práticas museológicas decoloniais e engajadas.

Contexto Urbano e Arquitetônico de Salvador

Salvador, a primeira capital do Brasil colonial, é marcada por uma paisagem urbana profundamente enraizada na arquitetura luso-brasileira, especialmente no que diz respeito ao seu centro histórico. Com um conjunto significativo de igrejas, conventos, fortes, sobrados e praças construídos entre os séculos XVI e XIX, a cidade tornou-se representação no âmbito nacional e internacional em termos de patrimônio edificado, junto as demais cidades tombadas como por exemplo a cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano e as cidades no Estado de Minas Gerais. Esse acervo arquitetônico, concentrado principalmente na região conhecida como Centro Antigo — que abrange bairros como o Pelourinho, Santo Antônio Além do Carmo, Sé, Passo, Mouraria e Nazaré — é amplamente reconhecido e tombado por órgãos de proteção a nível federal pelo IPHAN, a nível estadual pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e recentemente a nível municipal pela Fundação Gregório de Mattos.

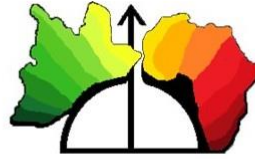


SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

O processo de tombamento e revitalização do centro de Salvador, foi iniciado de forma mais intensa a partir da década de 1990 com a primeira fase do processo de requalificação do Pelourinho, proposto no Governo de Antônio Carlos Magalhães. O plano contemplou quatro etapas de recuperação do Centro Histórico entre os anos de 1992 e 1994. A obra estava fortemente atrelada à valorização do patrimônio colonial enquanto elemento turístico e econômico. No entanto, essa política patrimonial também resultou em tensões urbanas e sociais, sobretudo no que se refere à relação entre a preservação da materialidade edificada e o pertencimento social. Muitos edifícios coloniais foram “restaurados”, mas sua reocupação não considerou os usos e os sujeitos historicamente vinculados a esses territórios, gerando processos de gentrificação simbólica e racial, fruto da reforma higienista ou da “assepsia social” promovida por ACM.

Nesse cenário, a instalação de museus afro-diaspóricos em prédios coloniais se dá em uma paisagem marcada por controvérsias. Por um lado, esses espaços oferecem uma oportunidade de reescrever a memória negra em lugares historicamente excludentes; por outro lado, enfrentam os limites físicos e simbólicos de estruturas que foram projetadas sob a lógica da dominação colonial. Além disso, muitos desses edifícios possuem tombamentos que impõem restrições às intervenções arquitetônicas, o que pode dificultar a adequação dos espaços às necessidades expositivas e às práticas museológicas contemporâneas — sobretudo aquelas que buscam interatividade, acessibilidade e diálogo com as comunidades.

Compreender o contexto urbano e arquitetônico de Salvador, portanto, é essencial para analisar as tensões entre forma e função nos museus da memória negra. A cidade, embora negra em sua cultura e população, ainda abriga no seu centro uma arquitetura predominantemente branca — não apenas em sua



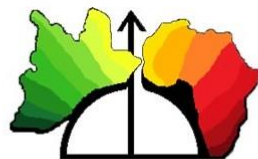
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

estética, mas em sua origem e função histórica. Esse paradoxo urbano torna-se o pano de fundo sobre o qual os museus afro-diaspóricos atuam, resistem e reconfiguram narrativas.

Mapeamento dos Museus Afro-Diaspóricos em Arquiteturas Coloniais

O mapeamento dos museus afro-diaspóricos implantados em edificações coloniais no centro da cidade de Salvador permite visualizar, de forma concreta, a tensão entre os conteúdos simbólicos desses equipamentos culturais e as materialidades históricas que os abrigam. O centro histórico soteropolitano, constituído por estruturas edificadas durante o período colonial, muitas delas provindas do século XVIII e século XIX, abrigam atualmente um número significativo de instituições voltadas à preservação e difusão da memória negra. No entanto, tais instituições operam, muitas vezes, em espaços originalmente concebidos para a lógica da dominação colonial – como antigas casas senhoriais, sobrados, conventos e prédios administrativos -, o que impõe uma camada de contradição às práticas museológicas afrocentradas.

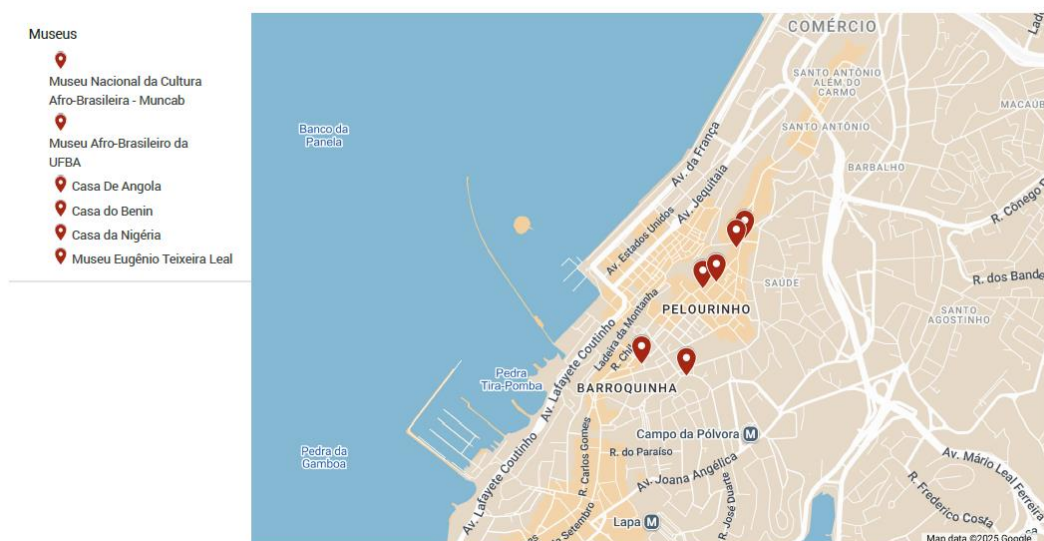
Para iniciar o mapeamento dos museus afro-diaspóricos em Salvador, fez-se necessário uma identificação prévia desses equipamentos e suas respectivas instalações. O processo de identificação inicial foi a partir de pesquisa nos meios digitais (sites), e a partir deles foi possível identificar seis equipamentos voltados à memória negra, todos dispostos em áreas centrais da cidade. Para embasar a fundamentação da pesquisa, foi utilizada a pesquisa feita pela bacharel em arquitetura e urbanismo Daniele SANTANA (2024) no seu trabalho final de graduação.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

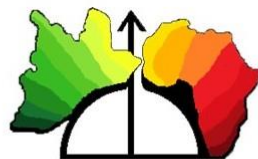
O segundo momento, se deu através de pesquisa de campo com a visitação dos museus e a realização de tomada fotográfica para ser utilizada na construção das fichas.

Mapa de museus Afro-diaspóricos em Salvador



Mapa de museus afro-diaspóricos em Salvador. Fonte: arquivo próprio (2025)

O levantamento inicial permitiu identificar os seguintes museus e centro culturais com perfil afro-diaspórico, localizados em edificações de origem colonial listados nas seguintes fichas abaixo:



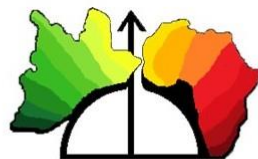
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL	
	Nome do Lugar: Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (MUNCAB)
	Endereço: R. das Vassouras, 25 - Centro Histórico, Salvador - BA
	Função Atual do Imóvel: ☐ Residencial ☐ Comercial ☒ Cultural ☐ Institucional ☐ Religiosa ☐ Outro: _____
	Função Original: Antiga sede da Tesouraria da Fazenda Provincial (século XIX)
Descrição: Museu de alcance nacional com proposta de apresentar a pluralidade da cultura afro-brasileira nas suas múltiplas linguagens: arte, religião, oralidade, resistência e ancestralidade. Relação com o espaço: A edificação, de estilo neoclássico, é ressignificada por uma proposta curatorial afrocentrada. A ocupação do espaço, porém, evidencia os contrastes entre o discurso expositivo e a linguagem arquitetônica original.	

Ficha de identificação do MUNCAB. Fonte: arquivo próprio (2025)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL	
	Nome do Lugar: Museu Afro-Brasileiro (MAFRO - UFBA)
	Endereço: Largo Terreiro de Jesus, 010 - s/n - Pelourinho, Salvador - BA
	Função Atual do Imóvel: ☐ Residencial ☐ Comercial ☒ Cultural ☐ Institucional ☐ Religiosa ☐ Outro: _____
	Função Original: Anexo do antigo Convento de São Francisco (século XVII) e Antiga Faculdade de Medicina
Descrição: Fundado em 1982, o museu abriga um acervo voltado às culturas africanas e afro-brasileiras, com destaque para as esculturas de Mestre Didi e objetos de religiões de matriz africana. Relação com o espaço: O convento franciscano, originalmente católico e eurocentrado, abriga hoje um museu que ressignifica o espaço a partir das cosmologias negras. Apesar disso, a arquitetura impõe limites físicos à linguagem, expositiva contemporânea.	

Ficha de identificação do MAFRO. Fonte: arquivo próprio (2025)



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL



Nome do Lugar: Centro Cultural Casa de Angola na Bahia

Endereço: Praça dos Veteranos - Centro, Salvador - BA

Função Atual do Imóvel:

☐ Residencial ☐ Comercial ☒ Cultural
☐ Institucional ☐ Religiosa ☐ Outro: _____

Função Original: solar colonial particular, conhecido como Solar do Gravatá (ou Solar Oliveira Mendes) do século XVIII

Descrição: O Centro Cultural Casa de Angola na Bahia abriga exposições, biblioteca, auditório e atividades que promovem a história, a cultura e as artes angolanas, reforçando os laços históricos entre Angola e o Brasil. O espaço é um importante ponto de valorização da memória afro-diaspórica em Salvador.

Relação com o espaço: Instalado em um antigo solar colonial do século XVIII, originalmente residência de uma família da elite escravocrata, o centro cultural ressignifica o espaço ao transformar um símbolo do poder colonial em local de celebração das heranças africanas e de fortalecimento das conexões atlânticas.

Ficha de identificação da Casa de Angola. Fonte: arquivo próprio (2025)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL



Nome do Lugar: Casa do Benin

Endereço: R. Pe Agostinho Gomes, 17 - Pelourinho, Salvador - BA

Função Atual do Imóvel:

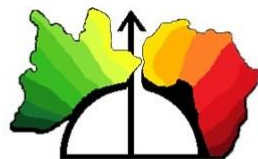
☐ Residencial ☐ Comercial ☒ Cultural
☐ Institucional ☐ Religiosa ☐ Outro: _____

Função Original: Sobrado colonial do século XVII

Descrição: Instituição dedicada às relações histórico-culturais entre Salvador e o antigo Reino do Benin (atual Nigéria). O acervo é composto por peças africanas adquiridas durante missão oficial nos anos 1980.

Relação com o espaço: A implantação da Casa do Benin em um sobrado colonial tensiona a ideia de “retorno” simbólico à África dentro de uma estrutura arquitetônica marcada pela história da escravidão.

Ficha de identificação da Casa do Benin. Fonte: arquivo próprio (2025)



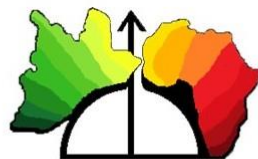
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL	
	Nome do Lugar: Casa da Nigéria
	Endereço: Rua Alfredo do Brito, 26, largo do Pelourinho, Salvador - BA
	Função Atual do Imóvel: ☐ Residencial ☐ Comercial ☒ Cultural ☐ Institucional ☐ Religiosa ☐ Outro: _____
	Função Original: Sobrado colonial do século XVII
Descrição: O imóvel abriga museu com peças de artesanato nigeriano, acervo de livros, espaço multimídia para exibição de filmes e vídeos, e oferta cursos da língua iorubá, dança e música. O local também promove eventos sobre história, civilização e turismo da Nigéria. Relação com o espaço: Transforma um símbolo da estrutura de poder colonial e de elite religiosa/comercial em um local de aproximação cultural e diplomática entre Brasil e Nigéria. Ao celebrar a cultura iorubá, reafirma a presença africana na Bahia e inverte os traços coloniais, transformando o espaço de dominação em um polo de representatividade afro-nigeriana.	

Ficha de identificação da Casa da Nigéria. Fonte: arquivo próprio (2025)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL	
	Nome do Lugar: Museu Eugênio Teixeira Leal – Memorial do Banco Econômico
	Endereço: R. do Açouguinho, 1 - Pelourinho, Salvador - BA
	Função Atual do Imóvel: ☐ Residencial ☐ Comercial ☒ Cultural ☐ Institucional ☐ Religiosa ☐ Outro: _____
	Função Original: Antigo prédio da década de 1860, com características neoclássicas
Descrição: Embora com foco inicial na história econômica da Bahia, o museu possui exposições permanentes sobre cultura afro-brasileira, especialmente no campo das artes e religiões de matriz africana. Relação com o espaço: A presença de exposições afro em um prédio dedicado originalmente à elite financeira baiana insere mais uma camada de disputa simbólica no espaço urbano.	

Ficha de identificação do Museu Eugênio Teixeira Leal. Fonte: arquivo próprio (2025)



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Museu	Edificação colonial	Acervo	Relação Arquitetura x acervo	contradições	Tensões	Possibilidades	Classificação institucional
Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (MUNCAB)	Antigo Tesouro do Estado (séc. XIX)	História da escravidão, religiões afro-brasileiras, artes negras e diáspora africana	Ocupa prédio estatal colonial, antes de controle econômico	Monumentalidade oficial distancia comunidade; falta de políticas estruturantes	Oficialidade branca x ancestralidade negra	Tornar-se polo de difusão crítica da cultura afro-diaspórica	Museu estatal/federal
Museu Afro-Brasileiro (MAFRO/U FBA)	Antigo Colégio dos Jesuítas (séc. XVII),	Arte sacra afro-brasileira, objetos litúrgicos do candomblé, obras de Carybé, cultura africana	Arquitetura jesuítica católica, antes excludente, hoje abriga memórias negras	Predominância da imponência colonial sobre a narrativa afro	Catequese e escravidão x espiritualidade e resistência	Ressignificação crítica do espaço como lugar de disputa simbólica	Museu universitário (UFBA)
Casa de Angola na Bahia	Casarão colonial (séc. XVIII)	Exposições sobre relações culturais Brasil–África, acervo de arte, fotografia e objetos culturais angolanos	Edificação colonial reconfigurada como centro cultural da diáspora	O espaço colonial limita práticas museógrafas de matriz africana	Colonialidade arquitetônica x africanidade no acervo	Reforçar laços da diáspora, transformando a arquitetura em ponte simbólica	Centro cultural diplomático (Angola–Bahia)
Casa do Benin	Casarão colonial restaurado (séc. XVII)	Acervo de arte e cultura do Benin, peças doadas por Pierre Verger, exposições de arte contemporânea africana	Casarão colonial convertido em espaço de intercâmbio cultural África–Bahia	A arquitetura colonial contrasta com a estética africana exibida	Colonialidade estética x africanidade simbólica	Espaço estratégico de diplomacia cultural e resignificação	Centro cultural diplomático (Prefeitura/Benin)
Casa da Nigéria	Sobrado colonial (séc. XVII)	Exposições, atividades culturais e intercâmbio Brasil–Nigéria	Ocupa espaço colonial no coração do centro histórico	Inserção de cultura negra em espaço de memória escravocrata	Colonialidade urbana x identidade negra	Reafirmar a presença africana em território simbólico do poder colonial	Centro cultural diplomático (Nigéria–Bahia)
Museu Eugênio Teixeira Leal	Casarão colonial (séc. XIX)	Dinheiro, comércio, documentos e escravidão	Espaço mercantil da elite colonial transformado em museu	Risco de estetizar/neutralizar violência da escravidão	Poder econômico branco x denúncia da exploração negra	Usar o espaço como lugar de denúncia histórica	Museu privado/fundação

Ficha analítica dos museus em Salvador/BA. Fonte: arquivo próprio (2025)



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

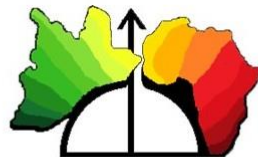
Aplicação da Museologia Afro-diaspórica nos Museus da Salvador

Os museus afro-diaspóricos em Salvador oferecem exemplos concretos da aplicação de ideias discutidas por autores da área. Não é pertinente criar algo que já foi bem testado e comprovado pela experiência como uma novidade. Associamos aquele espaço simbólico de resistência colonial com vida.

O MUNCAB redefine o espaço através de exposições que enfatizam a história da diáspora africana, envolvendo-se diretamente com a proposta de CONDURU (2003) de afirmar identidades afro-brasileiras. O museu se esforça para garantir que, além de celebrar ícones, sua curadoria permita que os visitantes reflitam criticamente sobre grandes questões, fornecendo fontes e exemplos práticos de resistência. A curadoria do MUNCAB exemplifica a construção de narrativas críticas, promovendo resistência simbólica dentro de paredes que historicamente representavam opressão.

O MAFRO reflete a noção de "zonas de contato" de CLIFFORD (1997) ao criar um espaço de troca cultural entre coleções, visitantes e arquitetura. Suas exposições e atividades educativas transformam o edifício em um ambiente vivo de diálogo, permitindo que objetos da memória negra desafiem a história colonial que o espaço materializa. Assim, por exemplo, curadores eficazes ajudam a garantir uma compreensão ainda mais profunda do conceito de Robert Farris THOMPSON, vinculando exposições e atividades educacionais.

A Casa de Angola e a Casa do Benin exemplificam as contribuições de Sergio MOSQUERA na gestão de espaços, enfatizando a integração das memórias comunitárias e a participação ativa de descendentes africanos na construção de narrativas museológicas. Essas instituições promovem círculos de troca de



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

conhecimento, oficinas e atividades culturais que fortalecem o vínculo entre a comunidade e o museu, criando práticas decoloniais de preservação da memória e afirmação identitária.

A Casa da Nigéria destaca a relevância das epistemologias afro-diaspóricas, conforme apontado por Kanitra FLETCHER, Vanessa K. VALDÉS e Niama Safia SANDY, propondo uma museologia que não só expõe objetos, mas também integra conhecimentos, histórias e expressões culturais da diáspora africana contemporânea. O espaço proporciona experiências sensíveis e críticas, permitindo que visitantes e comunidades compreendam as múltiplas dimensões da cultura negra.

Finalmente, o Museu Eugênio Teixeira Leal enfatiza a necessidade de conectar arquitetura e conteúdo político, promovendo reparação simbólica. Suas práticas educativas e exposições de longo prazo demonstram como os museus afro-diaspóricos podem ser instrumentos no enfrentamento do racismo estrutural, transformando espaços historicamente coloniais em territórios de resistência cultural e política.

Assim, os seis museus aqui analisados ilustram a tensão entre artefatos negros e arquiteturas brancas, mostrando como a museologia afro-diaspórica pode transformar espaços coloniais em arenas de resistência, educação e afirmação identitária, alinhando teoria e prática e oferecendo importantes contribuições para políticas culturais, projetos arquitetônicos decoloniais e o fortalecimento das epistemologias negras.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

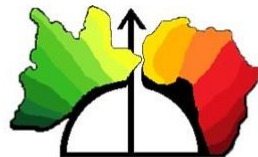
Análise Crítica Comparativa dos Museus Afro-Diaspóricos

A comparação dos museus afro-diaspóricos em Salvador evidencia um padrão recorrente: a implantação de acervos negros em edificações coloniais, que simbolizam poder, dominação e exclusão. Essa condição cria um paradoxo espacial, no qual a memória afro-diaspórica é narrada em espaços que historicamente negaram ou marginalizaram essas mesmas populações.

O MUNCAB e o MAFRO, pertencentes a instituições estatais e universitárias, exemplificam como a monumentalidade colonial influencia a percepção do acervo. No MUNCAB, a imponência do prédio estatal tende a distanciar o público e reforça a lógica de oficialidade branca; no MAFRO, o antigo colégio jesuítico carrega marcas do catolicismo colonial, mas possibilita ressignificação crítica da memória negra por meio de sua apropriação universitária.

Os centros culturais diplomáticos, como a Casa de Angola, a Casa do Benin e a Casa da Nigéria, revelam uma outra dinâmica: a diplomacia cultural africana utiliza edifícios coloniais do Pelourinho para reafirmar identidades africanas e criar pontes simbólicas entre a diáspora e o continente. Embora a arquitetura colonial imponha limites estéticos e espaciais, esses centros conseguem gerar resistência simbólica e práticas de memória inovadoras, promovendo intercâmbios culturais que tensionam a herança colonial.

Por fim, o Museu Eugênio Teixeira Leal, instalado em um casarão mercantil do Pelourinho, demonstra como a arquitetura colonial pode tanto naturalizar quanto denunciar a exploração histórica. O espaço originalmente dedicado ao comércio da escravidão abriga hoje um acervo crítico sobre a economia escravocrata,



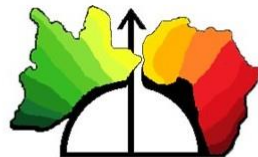
SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

permitindo leituras mais diretas da violência histórica, mas ainda sujeito ao risco de estetização da memória.

De modo geral, a análise evidencia que a institucionalidade dos museus (estado, universidade, diplomacia ou fundação) atua junto com a arquitetura colonial na produção de tensões e paradoxos. Enquanto museus estatais e universitários lidam com monumentalidade e oficialidade, os centros diplomáticos exploram os espaços coloniais como território simbólico de ressignificação e afirmação da memória africana. A apropriação crítica desses edifícios sugere caminhos para a autonomia arquitetônica e simbólica da memória afro-diaspórica em Salvador, permitindo que os artefatos pretos possam dialogar com as arquiteturas brancas de forma reflexiva e transformadora.

Considerações Finais

A análise do mapeamento dos museus afro-diaspóricos instalados em arquiteturas coloniais no Centro Histórico de Salvador revela uma complexa e multifacetada relação entre memória, espaço e poder. Ao ocupar edificações cuja materialidade foi construída sob os paradigmas da colonização e com mão-de-obra de pessoas escravizadas, essas instituições enfrentam o desafio de ressignificar esses espaços historicamente marcados pela exclusão, pela opressão e pelo apagamento das populações negras. Essa justaposição entre artefatos pretos e arquiteturas brancas não se configura apenas como um paradoxo estético, mas como um terreno de disputa simbólica fundamental para a construção de narrativas de resistência, afirmação negra e enfrentamento do racismo estrutural e institucional.

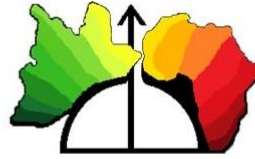


SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Os museus analisados evidenciam estratégias diversas para lidar com essa tensão, ora criticamente a arquitetura, ora adaptando seus discursos museológicos para dialogar com os espaços que ocupam. Eles se configuram também como espaços educativos e comunitários, promovendo oficinas, rodas de saberes, ações pedagógicas e culturais que fortalecem vínculos coletivos e ampliam a formação cidadã quanto as questões étnico-raciais, mostrando que sua atuação vai muito além da exposição de acervos. Ao mesmo tempo, limitações impostas pela rigidez dos tombamentos, pela configuração física dos edifícios e por recursos financeiros escassos, evidenciam a necessidade de repensar a concepção arquitetônica e o suporte institucional desses espaços, de modo a contemplar as epistemologias negras, a acessibilidade e a participação comunitária.

Além disso, torna-se fundamental ampliar a discussão para a criação de arquiteturas contemporâneas que dialoguem com a memória negra sem as marcas coloniais, promovendo espaços que sejam efetivamente reflexo das identidades afro-brasileiras e das lutas por justiça racial. Para tal, faz-se necessário a inclusão de disciplinas na matriz curricular dos cursos de arquitetura e urbanismo a modo de pensar projetos de valorização à memória negra. O desenvolvimento de políticas públicas e projetos arquitetônicos de caráter decolonial é essencial para fortalecer a autonomia desses museus e ampliar sua capacidade de impacto social e cultural.

Este estudo apresenta uma reflexão crítica sobre os desafios e as potencialidades dos museus afro-diaspóricos em contextos coloniais, destacando sua relevância enquanto instrumentos de resistência simbólica, reparação histórica e enfrentamento do racismo institucional. Ainda, abre caminhos para pesquisas futuras, sugerindo a expansão do mapeamento para



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

outras cidades brasileiras e territórios da diáspora africana, bem como a articulação com estudos interdisciplinares em arquitetura, urbanismo, museologia e decolonialidade. Dessa forma, reforça-se a urgência de pensar espaços culturais que não apenas abriguem memórias negras, mas que efetivamente as expressem, ampliando a justiça histórica, social e simbólica no contexto urbano brasileiro.

Referencias:

ARAÚJO FILHO, José Joaquim de. *África seja aqui: as casas do Benin, Angola e Nigéria na Cidade do Salvador e suas representações de culturas africanas.* / José Joaquim de Araújo Filho. – Salvador, 2017.

CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira.* Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

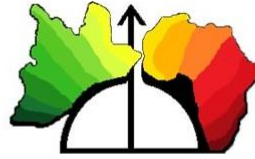
CONDURU, Roberto. *Com o bem de Exu: religião, colecionismo, patrimônio cultural, afrobrasilidade.* In: **DUPRET, Leila** (Org.). *Transdisciplinaridade e afrobrasilidades.* Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012. p. 15-26.

CONDURU, Roberto. *Outro realce: novos (e antigos) sentidos da negritude em museus no Brasil.* In: **OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de; COUTO, Maria de Fátima Morethy** (Org.). *Instituições de arte.* Porto Alegre: Zouk, 2012. p. 87-99.

CLIFFORD, James. *Museus como zonas de contato.* In: *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century.* Harvard University Press, 1997. p. 188-219.

CHAGAS, Mário. *Museologia Social: reflexões e experiências.* São Paulo: Nobel, 2003.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

FLETCHER, Kanitra. *Kanitra Fletcher.* Disponível em:
<<https://smallaxe.net/content/426>>. Acesso em: 23 set. 2025.

MARINHO, Célia. *Museus e memória negra: caminhos da museologia social.* Salvador: EDUFBA, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediencia Epistémica: la lógica de la colonialidad y el giro decolonial.* Buenos Aires: CLACSO, 2017.

MOSQUERA, Sergio Antonio. *Afro-Colombian historian. Statement on Afro-Colombian historian Sergio Antonio Mosquera.* LASAweb, 6 fev. 2023. Disponível em:
<<https://lasaweb.org/en/news/statement-sergio-antonio-mosquera/>>. Acesso em: 23 set. 2025.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina.” *In: Eurocentrismo e Ciências Sociais.* Ed. Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROLNIK, Raquel. *Território e liberdade: espaços urbanos e política.* São Paulo: Boitempo, 2019.

SANTANA, Daniele. *Centro de restauração e valorização da ancestralidade afro-brasileira: um espaço de resgate da cultura para o fortalecimento da identidade popular.* Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Jorge Amado. Salvador, 2024.

SANDY, Niama Safia. *Niama Safia Sandy.* Disponível em:
<<https://smallaxe.net/content/426>>. Acesso em: 23 set. 2025.

VALDÉS, Vanessa K. *Vanessa K. Valdés.* Disponível em:
<<https://smallaxe.net/content/426>>. Acesso em: 23 set. 2025.